

## **Rompendo silêncios e estereótipos: um olhar em direção à literatura brasileira contemporânea periférica**

Mercia de Lima Amorim<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe tecer definições, discussões e problematizações sobre a concepção de literatura periférica, movimento literário contemporâneo que rompe com silêncios e estereótipos, a fim de compreender suas intencionalidades e objetivos, bem como investigar como esse movimento periférico se consolida e se insere na literatura brasileira contemporânea. Tal discussão é de grande relevância porque a literatura possui um valor específico que torna legítimos os estudos literários e o confronto com as diversas obras nos enriquecem existencialmente, ao abrir o campo para as várias possibilidades de entender, interpretar e interagir com mundo e com o sujeito que nele habita. Como percurso metodológico tem-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, por ter se baseado em registros disponíveis, decorrente de pesquisas em torno do tema estudado e apoia-se no referencial teórico sustentado por Nascimento (2009), Vaz (2011), Dalcastagné (2012), Reyes (2013), Hollanda (2015), entre outros. Têm-se como resultados parciais indicações de que o fenômeno das produções literárias periféricas está se alastrando pelo Brasil, e é através dessas produções literárias e artísticas produzidas por escritores periféricos que os mesmos não são mais vistos como vítimas passivas diante da violência tanto física quanto simbólica. A periferia produz e consome arte e cultura e a literatura periférica se contrapõe à visão equivocada que os periféricos não leem ou são maus leitores.

**Palavras-chave:** Representação. Periferia. Contemporâneo. Resistência.

### **Periferia: fina flor da malandragem de um povo lindo e inteligente**

O termo “periferia” origina-se do latim *peripheriae*. Enquanto espaço geográfico refere-se àquilo que está ao redor de uma determinada localização central. Nota-se, então, que periferia, desde seu conceito denotativo, força-nos a pensar em algo que está “à margem”, fora do centro.

E de fato está. De maneira estereotipada ou não, o termo “marginalidade”, tanto social quanto cultural, relaciona-se aos espaços periféricos, porque estes, geralmente, são lugares marcados pela carência e/ou ausência de bens materiais e culturais. Há certa homogeneidade no sentido de que todas as periferias se aproximam, já que, nestes espaços, é comum a presença de irregularidades, como a falta de saneamento básico, as ruas “sem calçamento nem iluminação, desprovidos de redes de esgoto, sem escolas e postos de saúde, com transporte difícil e caro” (Dhuram, 1986, p. 2).

Atualmente, porém, essas semelhanças não são tão definitivas quando se fala nas periferias brasileiras, pois já se pode notar uma melhoria dos equipamentos estruturais necessários, como a

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - RIO). E-mail: merciaamorim.92@gmail.com.

existência de sistema de esgotamento sanitário, calçamento de ruas, moradia, serviços de educação e saúde em alguns bairros, além de muitas especificidades culturais e históricas. Contribuí para essas mudanças, as mobilizações de alguns escritores periféricos, que nasceram e vivem nas periferias e escrevem em seus textos o que vivenciam.

Entretanto, isso não significa dizer que estão supridas todas às necessidades destes espaços e de seus sujeitos. Embora a noção de periferia esteja sendo reavaliada por alguns estudiosos e pela própria sociedade, a visão mais comum que se tem deste espaço ainda é sinônimo de:

[...] espaço da carência, que reúne a população marginalizada social e culturalmente, e faz emergir produtos culturais como a música rap e a literatura marginal-periférica; que organiza a produção literária e a atuação dos escritores, e valida a construção de suas imagens associadas ao adjetivo marginal [...] diferente do "centro" que é um espaço de moradia das classes médias e altas, de melhores condições de vida e de concentração das práticas culturais "cultas" e "legitimadas". (Nascimento, 2006, p.76)

O espaço periférico é onde também se concentra a população que compõe a classe trabalhadora que faz as cidades funcionarem e são ao mesmo tempo os lugares onde vivem os excluídos, os marginalizados, aqueles considerados "de baixo" em uma sociedade tão desigual e injusta. Lugar onde a violência física e simbólica é vista com frequência, fazendo parte dos dias destes. Entretanto, é também um espaço onde flui a solidariedade para com o próximo, a criatividade na tentativa de suprir as necessidades estruturais e culturais enfrentadas, a esperança por um amanhã melhor. E com o objetivo de alcançar esse amanhã, a resistência e a rebeldia são as melhores formas de lutar em seu favorecimento. Alejandro Reyes (2013) sintetiza esta reflexão quando nos acrescenta dizendo que:

As perifas se estendem em espaços a perder de vista em volta das cidades, caótico emaranhado de casas barracos malocas com ruas becos vielas malcheirosas que abrigam os sonhos e a correria das crianças, na teimosia de empinar pipa, fazer traquinagens, brincar de esconde-esconde com as balas perdidas e, às vezes, segurar arma na fantasia de ser. Lá, a violência é coisa de todos os dias, como a morte, a humilhação, os desastres, as enchentes, a frustração, a miséria, a fome, na cotidiana labuta, na luta de cotidiano existir. Mas é também espaço da camaradagem solidária... da conversa parceira na troca de anseios compartilhados, território tecido com a multiplicidade de histórias de vida dureza firmeza de criatividade e perseverança. E espaço, também, de luta, resistência, consciência, rebeldia, organização, esperança. (Reyes, 2013, p. 14)

No fim do século passado, este espaço social e político surgiu. E, cada vez mais, está brotando das calçadas periféricas, em sua maioria "malcheirosa", como diz Reyes (2013), um movimento literário identificado por alguns escritores como "literatura marginal/periférica", entre outras

expressões. Tal cena literária nos faz refletir sobre os aspectos da realidade social, ligados à carência e marginalidade, às vivências, com condições precárias, da maioria dos habitantes de periferias, devido a problemas de infraestrutura, dificuldade de acesso à escolarização, ao mercado de trabalho e ao consumo de bens culturais e materiais.

### **Literatura periférica: produto de resistência e representação**

O cenário contemporâneo da produção cultural e literária das periferias brasileiras é movimentado pela articulação de artistas e escritores periféricos, como é o caso de Sérgio Vaz, Ferréz, Marcelino Freire, Sacolinha, Fábio Mandingo e vários outros. Estes intencionam fomentar espaços de exposição e visibilização das vozes periféricas – vozes essas que foram silenciadas durante todo o processo histórico – bem como da ascensão dos sujeitos da periferia e, conseqüentemente, de tais lugares, tendo como resultado a ressignificação e a criação de uma perspectiva positiva desses espaços.

A partir do momento que temos consciência da literatura enquanto representação – espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de questionar quem afinal é esse “outro” e que posição na sociedade lhe é reservada. É devido a esses questionamentos que os estudos literários, em específico, os brasileiros, estão se preocupando com os problemas ligados ao acesso à voz e às representações dos múltiplos grupos sociais, grupos estes marginalizados, que de acordo com Melissa Williams (1998, *apud* Dalcastagnè, 2012, p. 17) “são todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva, que recebem valoração negativa da cultura dominante –, que sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério”.

O termo “representação” sempre foi um conceito crucial dos Estudos Literários, mas agora é visto com mais amplitude. De acordo com Hanna Pitkin (1967, *apud* Dalcastagnè, 2012, p. 17) “*representação* é uma palavra que participa de vários contextos – literatura, artes visuais, artes cênicas, política, direito – e sofre um processo permanente de contaminação de sentido”. Porém, o que está em questão não é mais apenas o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas que essas representações não são tratadas com a mesma relevância.

Dalcastagnè (2012) afirma que olhando pelo âmbito da narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência de representantes legitimados das classes populares. É possível descrever essa literatura como sendo a classe média que visa à classe média. Entretanto, vale enfatizar que não se

quer aqui desprivilegiar a literatura voltada a este público, mas, ressaltar que há outro lado. É importante lembrar que infelizmente “as classes populares possuem menor acesso a todas as esferas de produção discursiva: estão sub-representadas no parlamento (e na política como um todo), na mídia, no ambiente acadêmico” (Dalcastagné, 2012, p. 18), e não apenas na esfera literária. É válido frisar que isto não é apenas mais uma coincidência e sim índices de suas condições subalternas.

Devido a essa ausência, perde-se a diversidade, a multiplicidade, a pluralidade das perspectivas sociais atreladas às esferas literárias. De acordo com Iris Marion Young, a “perspectiva social”, reflete no fato de que “pessoas diferentemente posicionadas [na sociedade] têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivados daquele posicionamento” (Young, 2006, p. 162). Assim, pessoas diferentes vão se expressar de formas distintas no mundo. E, mesmo que existam pessoas sensibilizadas a representar as diversidades, estas pessoas nunca viverão as mesmas experiências de vida, pois estarão olhando apenas com um olhar do outro, um olhar de fora, enxergarão, dessa forma, com um olhar diferente que poderá ser, às vezes, preconceituoso, distante de outras realidades.

Contudo, mesmo em uma sociedade desigual, numa tentativa de democratização, ainda é possível pensar em uma solução. A literatura é uma grande contribuinte disso, porém, precisa dar legitimidade e autoridade aos escritores de grupos minoritários que estão surgindo na contemporaneidade. Isso se dá, por exemplo, quando lemos estas narrativas como textos literários e não apenas testemunhais ou sociológicos, por mais que estas escrituras estejam distantes da considerada literatura erudita, realizada por escritores elitistas autodenominados como intelectuais. Até porque, do “ponto de vista literário, ela oferece novos desafios no contexto da história da literatura brasileira: pelo conteúdo, pela forma, pela linguagem e, sobretudo, pelo lugar da enunciação” (Reyes, 2013, p. 15). Caso contrário, o que acontece é simplesmente uma representação do outro sem legitimidade. E, levando em consideração que a existência desse outro está sujeita à vontade de um observador sem a qual não chegaria até nós, este por sua vez, “não existe senão em função das nossas preocupações, dos nossos fantasmas” (Mouralis, 1982, p. 110).

Vale salientar que a questão que envolve a representação com legitimidade e autoridade não diz respeito ao que se refere apenas ao “olhar de dentro” de quem fala, mas também às variadas percepções que há no mundo. Infelizmente esta necessidade não é suprida por aqueles que, ainda que cheios de boa vontade, falam mesmo com um “olhar de fora” pelo outro. A representação mais adequada nesse caso seria aquela que progressivamente interpreta de maneira mais adequada os diferentes grupos sociais que compõem o corpo de cidadãos.

Aos poucos, esta representatividade literária está acontecendo. Isso se deve graças a alguns novos escritores periféricos/marginalizados que surgiram e cada vez mais estão surgindo na contemporaneidade, estes seriam os autores “de dentro”, que escrevem de acordo com suas vivências e não tendo apenas um olhar observador, de quem está de fora da realidade. Sérgio Vaz, Ferréz, Alessandro Buzo, Sacolinha, Allan da Rosa, Binho, Cidinha da Silva, os rappers Gog e Dexter, dentre vários outros, os quais em sua maioria rotulam sua literatura<sup>2</sup> como uma forma de demonstrar sobre o quê ou sobre quem pretendem expressar e representar em suas obras. Colabora no sustentáculo dessa leva literária, a antropóloga oriunda de periferia Erica Peçanha do Nascimento e a escritora e crítica Heloísa Buarque de Hollanda, bem como as jornalistas Jessica Balbino e Eliane Brum. Para Hollanda (2015) essa nova cultura da periferia que acontece na virada do século XX para o XXI, impõe-se,

como um dos movimentos culturais de ponta no país, como feição própria, uma indisfarçável dicção proativa e, claro, projeto de transformação social. Esses são apenas alguns dos traços inovadores nas práticas que atualmente se desdobram no panorama da cultura popular brasileira, uma das vertentes mais fortes de nossa tradição cultural. (Hollanda, 2015, p. 04)

Este fenômeno das produções literárias periféricas está se alastrando pelo Brasil. A “palavra” surge em altíssimo e bom som, “a palavra não apenas como expressão ou comunicação, mas também a palavra como recurso. Recurso educativo, recurso econômico, recurso de inclusão cultural e social” (Hollanda, 2015, p. 3). Isso é muito gratificante e significativo, pois é através das produções literárias e artísticas produzidas pelos periféricos que os mesmos não são mais vistos como vítimas passivas diante da violência tanto física quanto simbólica. “Trata-se de uma literatura que não propõe só um novo escritor, mas também um novo leitor. De um poeta que sai do casulo e se alia à sua comunidade, seu município e ao seu país. Um artista-cidadão” (Hollanda, 2015, p. 3).

Reyes (2013) qualifica este fenômeno da literatura periférica como insólito, original, seguramente pelo fato desta movimentação partir de um espaço tradicionalmente tido como excêntrico quando se trata de produção cultural e escrita literária. Além disso, acrescenta ainda que esta literatura é também combativa, rebelde e criativa, podendo esta leva literária ser definida como:

[...] uma literatura de autorrepresentação, com uma dimensão política e social importante – a enunciação de realidades invisibilizadas, feita por setores sociais que historicamente têm tido um acesso mínimo à palavra escrita, em um contexto no qual

---

<sup>2</sup>Discutiremos a respeito das nomenclaturas “literatura periférica” e “literatura marginal” na próxima seção.

a língua, sobretudo escrita, tem servido como mecanismo de dominação desde os tempos coloniais. São obras que se colocam intencionalmente fora do cânone literário: pela temática, pelo lugar de onde se fala desta temática, pela utilização de uma linguagem híbrida carregada da oralidade popular, pelos meios de produção e distribuição, que muitas vezes consistem em publicações artesanais e/ou independentes e venda de mão em mão nas ruas, bares e saraus, assim como a veiculação por meio de blogs e páginas da internet. (Reyes, 2013, p.14 e 15)

Se pararmos para pensar nas temáticas que esses autores trazem em suas obras, veremos que não é algo de um todo desconhecido, pois autores que não fazem parte dessa produção específica já haviam falado sobre alguns dos temas retratados na contemporaneidade. Em suma, a diferença se dá pelo fato de que, nas obras em que os escritores não são periféricos, a exemplo de Fernando Bonassi e Rubens Fonseca, as personagens marginalizadas – negros, mulheres, pobres etc. – não têm voz e não são representadas de forma igual às outras personagens de características diferenciadas. Estas só eram vistas como empregados subalternos e marginais, no sentido jurídico da palavra, ou seja, como bandidos.

Já nas produções literárias periféricas, escritas por autores moradores de periferias, as personagens ganham ascensão, voz. É agregada no texto a voz de quem vivencia tal realidade e não apenas a de quem observa de fora ou apenas ouve falar. “Olhar com um olhar de dentro” é de extrema importância para o entendimento das produções literárias periféricas. Ainda na tentativa de compreendermos desta criação literária, a percepção e definição do escritor periférico Sérgio Vaz demonstram-se precisas e decisivas, já que, ao nos advertir que a literatura grega é feita pelos gregos, deixa-nos claro e evidente que a literatura periférica é aquela realizada pelos sujeitos periféricos. O poeta afirma:

Aliás, o que é literatura periférica? Me pergunta um jovem. O que é literatura grega? Respondo com outra pergunta. Ora, feito pelos gregos. Sapecando a resposta. Então, literatura periférica é feita por pessoas que moram na periferia, simples assim. Ah, então quer dizer que se eu tivesse nascido num bairro nobre não poderia escrever literatura periférica?... Poder pode... Só que não vai ficar bom. (Vaz, 2013)

O poeta da periferia, Sérgio Vaz, vê a literatura como via de acesso ao empoderamento do sujeito periférico pela linguagem e também ao consequente acesso aos direitos e bens materiais e/ou culturais. Sinaliza também uma esperança, um caminho rumo a um futuro melhor para os periféricos, não que estes precisem sair da periferia em busca deste “algo melhor”, mas que tragam para ela esse “algo melhor”. Para o poeta: “É disso que a literatura de periferia fala, da luta e da busca de um mundo maravilhoso para todos nós” (Vaz, 2013). A maior intenção de Vaz e da maioria dos escritores periféricos não é revolucionar o mundo, mas, como diz Hollanda (2015), é garantir que sua

comunidade e os sujeitos periféricos tenham acesso à leitura e aos privilégios sociais que esta nos proporciona.

Como já mencionado, as periferias não são mais apenas espaços que representam pobreza, falta, carência. Não são mais apenas locais onde as pessoas desprivilegiadas não têm opção de escolha e são obrigadas a fixar moradia. Ela transforma-se também em espaço com sujeitos interessados em educação e que investem nela, buscam ter acesso aos bens culturais, sobretudo, àquilo que é associado à elite – a literatura. Ao declarar que “a literatura é uma dama triste que atravessa a rua sem olhar para os pedintes famintos por conhecimento” (Vaz, 2011, p. 35), Sérgio Vaz está justamente fazendo uma crítica a essa literatura sacralizada pelas elites, que não olha para as margens, ou melhor, não considera a produção artística e cultural gestada nos espaços periféricos, fomentando o estereótipo de que tais espaços são desprovidos de arte e cultura.

Engana-se quem não quer ver. A periferia produz e consome muita arte e cultura. A literatura periférica se contrapõe à visão equivocada que os periféricos não leem ou são maus leitores. Até porque, atualmente, “essa mesma poesia que há tempos era tratada como uma dama pelos intelectuais, hoje, vive se esfregando pelos cantos dos subúrbios à procura de novas emoções” (Vaz, 2011, p. 46). Pode-se perceber isso com os movimentos culturais, como vários saraus da Cooperifa, que, segundo o próprio Vaz (2011, p. 164), “ficou pequeno para tantas vozes”. Esses movimentos também acontecem em outros lugares, até mesmo em outras cidades. Os escritores realizam oficinas em escolas, colocam murais com poesias nas ruas “da quebrada”, distribuem postais. Tudo isso para aproximar a literatura deste leitor periférico. Ainda seguindo essa vertente, Vaz diz que:

A literatura na periferia não tem descanso, a cada dia chegam mais livros. A cada dia chegam mais escritores e, por consequência disso, mais leitores. Só os cegos não querem enxergar este movimento que cresce a olho nu, neste início de século. Só os surdos não querem ouvir o coração deste povo lindo e inteligente zabumbando de amor pela poesia. (Vaz, 2011, p. 46)

O interessante disso é o fato de perceber que, dentro das periferias, estão surgindo autores construtores de suas próprias histórias, despertando, dessa forma, através dos relatos de suas experiências, o interesse dos demais moradores da localidade para o hábito da leitura e da escrita. Estes não mais se acomodam diante das faltas e carências por eles vivenciadas. Esses novos autores de suas próprias histórias não se vitimizam por não terem acesso aos bens necessários e lutam para suprir essas “faltas”, mostrando àqueles que estão de fora que a periferia também é um lugar de cultura e riquezas, pois, como diz Nascimento (2006, p. 60) “os escritores da periferia encontram na atividade literária uma possibilidade de reverter a própria condição de marginalidade social”.

De fato, estes novos escritores periféricos tentam e conseguem, por meio dos seus relatos sociais e problemas que os atingem, dar um novo significado à periferia, valorizando sua cultura com o estímulo à produção, ao consumo dessas produções e à circulação desses bens culturais. Contudo, vale ratificar que não se quer aqui excluir o que chamamos de “clássico” ou “canônico”, ou seja, a literatura sacralizada pelas elites, escrita por aqueles que confirmam os padrões traçados por críticos e teóricos da literatura. A ideia é incluir esta outra vertente da literatura brasileira, geralmente excluída dos espaços do saber acadêmico e da educação formal, por exemplo, porque ela pode se configurar num dos caminhos mais proficientes para formar leitores capazes de aguçar o próprio senso crítico e a própria autonomia. Até porque um dos grandes motivos dos fracassos que ocorrem nas escolas, no que se refere à formação do leitor literário, é querer incluir hábitos e valores que fogem da realidade dos nossos alunos moradores de periferias.

### **Literatura marginal/periférica: definições e problematizações**

Até o momento, tratamos da literatura periférica sem levar em consideração os questionamentos que giram em torno desta e de outras expressões que nomeiam as produções dessa literatura. Exemplo destas denominações têm-se intitulações como “literatura periférica”, na qual nos apoiamos para a presente abordagem, “literatura marginal”, entre outras. Devido a isto, é válido trazer à tona uma problematização que abrange estas duas específicas terminologias, já que, ao nos aprofundarmos, vemos que há todo um contexto no qual poderíamos chegar à conclusão de que o termo literatura periférica seja também sinônimo do termo literatura marginal e assim inversamente, porém com suas especificidades.

Uma justificativa plausível para a escolha da denominação literatura periférica e não literatura marginal se dá pelo contexto em que o termo “marginal” está inserido. O mesmo carrega em sua terminologia sentido ambíguo já que está associado tanto aos indivíduos que estão em condição de marginalidade perante à lei quanto à sociedade, referindo-se aos sujeitos que são vítimas dos processos de marginalização social, a exemplo dos pobres, desempregados, negros.

Ao que tange ao campo literário, esta expressão adquiriu diferentes significados. O estudioso Gonzaga (1981) considera o termo marginal associado a três pontos importantes, o primeiro estaria ligado às obras que estão à margem do mercado editorial; o segundo, às obras que possuem uma linguagem distinta da considerada tradicionalista e institucionalizada pelos valores literários de

determinada época; e em terceiro, estariam autores que refletem em suas obras situações vivenciadas por sujeitos marginalizados e oprimidos socialmente.

A expressão literatura marginal ainda pode ser associada às obras que não são consideradas cânones e clássicas e, portanto, não estão incluídas nas listas de leituras obrigatórias para vestibulares, ou também pode remeter-se a escritores que pertencem a grupos minoritários sociologicamente como mulheres, homossexuais e negros (as) e que estão excluídos do âmbito social, econômico e literário.

Outro aspecto considerável que gira em torno da expressão literatura marginal é o que acontece no território brasileiro na época da Ditadura Militar. Durante este período, especificamente na década de 1970, surgiram grupos de poetas intelectuais da classe média e alta, estudantes de universidades públicas, associados às atividades cinematográficas, teatrais e musicais, que, por sua vez, já haviam tido obras publicadas em 1960, mas que não iam de acordo com os movimentos vanguardistas daquele tempo, como por exemplo, o concretismo, a poesia-práxis, e a poesia processo, e outros que começaram a publicar somente em 1970.

Estas obras têm a ironia como uma de suas características principais. Por meio de uma linguagem coloquial e apreciadora dos palavrões, seus temas versavam sobre sexo, drogas e o cotidiano das classes privilegiadas, médias e altas da época. Para a divulgação destes textos, que, em sua maioria, eram poemas, utilizavam-se muito do apelo visual por meio de desenhos, fotos e quadrinhos. Por retratar o cotidiano das classes sociais mais favorecidas, estas obras também eram destinadas principalmente a este público, não abrangendo de imediato do mesmo modo as classes populares.

Diferente da literatura marginal setentista, no final dos anos 90 do século passado à primeira década deste século, outro conjunto de escritores similarmente se apossa desta locução. Esse grupo, por sua vez, é formado pelas classes populares, moradores ou ex-moradores de periferias urbanas brasileiras em sua maioria do sexo masculino e do estado de São Paulo, expõem em suas obras não só, mas em sua maioria, temáticas voltadas para os sujeitos que compõem este espaço geográfico e socialmente periférico. As produções dos novos escritores estão inteiramente interligadas a um contexto social marginalizado, pois vivem à margem do mercado editorial, dos meios de produção e de consumo tanto de bens culturais quanto econômicos e à margem ao que tange ao espaço geográfico em que residem.

Em seus textos, privilegiam estruturas de poemas e contos, com uma linguagem coloquial, simpaticante de palavrões e de gírias específicas do *Hip Hop* e das periferias urbanas brasileiras, indo dessa forma em sentido oposto à norma culta. Estes sujeitos, tratados socialmente como

marginalizados, apelam também pelo aspecto visual, mas nas páginas dos livros e pelo grafite em revistas. Diferente dos poetas setentistas que eram oriundos e se situavam nas classes médias e altas, estes escrevem sobre temas recorrentes às classes populares e os problemas por elas vivenciados, como, por exemplo, a violência seja esta física ou simbólica, a ausência de bens culturais, precárias condições de infraestrutura de moradia nas periferias, desemprego, entre outros.

Esta literatura voltada para a nova visão do termo “marginal” tem seu auge em 2001, com a publicação da revista intitulada *Literatura Marginal: a cultura da periferia*, organizada por Ferréz. Porém, mesmo tendo seu apogeu em 2001, Ferréz um pouco antes já havia se apossado desta expressão quando lançou seu livro *Capão Pecado*, publicado pela editora Labortexto, em 2000. Ferréz explica o porquê do uso da expressão literatura marginal.

Eu sempre fui chamado de marginal pela polícia e quis fazer como o pessoal do hip hop que se apropriou de termos que ninguém queria usar. Já que eu ia fazer a minha revista maloqueira, quis me autodenominar marginal. Eu fiz como as rappers, que para se defenderem da sociedade, aceitam e usam os termos ‘preto’ e ‘favelado’ como motivos de orgulho. (Ferréz, *apud*, Nascimento, 2006, p. 16)

Ferréz, apesar de assumir o termo “marginal” com a intenção de subvertê-lo, sempre o associa a ideia da cultura de periferia, ou seja, ele objetivamente faz um recorte para os leitores não terem dúvida de que margem ele trata, que não é apenas a margem editorial, temática ou linguística, mas é, sobretudo, a margem social, política, de acesso aos bens culturais e de produção.

Desta forma, para que um escritor se encaixe dentro dos parâmetros da literatura periférica (ou marginal) dessa nova geração, o autor deve ter vivenciado ou estar em condições de alguma situação de marginalização, ter morado ou morar em periferias e escrever textos de cunho literário. Na verdade, estes escritores relatam nas obras, em sua maioria, suas próprias condições de marginalidade. A partir de tais critérios, por exemplo, foram organizados os grandes números de escritores que participaram das edições da revista *Literatura Marginal: a cultura da periferia*, citada acima.

Desde então, é notoriamente perceptível características divergentes da forma de expressão do cenário cultural contemporâneo daquela realizada nos anos 70 do século passado. Aqueles intelectuais estavam marginalizados apenas ao que alude ao mercado editorial, à margem da produção e veiculação do mercado, já que pertenciam as classes privilegiadas e “se opunham ao circuito oficial de editoração” (Nascimento, 2006, p. 20). Entretanto, alguns escritores das periferias, os marginalizados em todos os aspectos, sejam eles, sociais, econômicos e geográficos, cobiçam fazer parte de editoras de grande porte e que tenha um reconhecimento diante da sociedade.

Por não trazer a ambiguidade de sentidos em sua terminologia, tanto no sentido jurídico e social, e não querer que sua literatura seja confundida com o movimento poético da década de 1970, alguns escritores, a exemplo do escritor Sérgio Vaz, optam pela expressão literatura periférica, pois deixa claro o fato de que esta literatura é realizada por escritores (as) que nasceram, vivem, ou viveram em periferias urbanas brasileiras e escrevem literariamente sobre o que vivenciam em suas narrativas.

### **Considerações finais**

Para finalizar, a perspectiva da literatura periférica é aquela que enfatiza questões referentes aos espaços e sujeitos que são marginalizados em todos os aspectos, transformando, dessa maneira, o objeto de suas escritas em sujeito do discurso. Dessa forma, os escritores periféricos dessa geração possuem a necessidade de romper com a hegemonia dos cânones e abranger todos os espaços e sujeitos que geralmente encontram-se excluídos das produções literárias tratadas como clássicas ou legítimas, tanto como autores quanto como personagens.

Têm-se indicações de que a periferia produz e consome muita arte e cultura e que a literatura periférica se contrapõe à visão equivocada que os periféricos não leem ou são maus leitores. O fenômeno das produções literárias periféricas está se alastrando pelo Brasil, e isso é muito gratificante e significativo, pois é através dessas produções literárias e artísticas produzidas pelos periféricos que os mesmos não são mais vistos como vítimas passivas diante da violência tanto física quanto simbólica.

As temáticas que esses autores trazem em suas obras não são de um todo desconhecidas, pois autores que não fazem parte dessa produção específica já haviam falado sobre alguns dos temas retratados na contemporaneidade. Em suma, a diferença se dá pelo fato de que, nas obras em que os escritores não são periféricos, as personagens marginalizadas não têm voz, e não são representadas de forma igual às outras personagens de características diferenciadas. Essas só eram vistas como empregadas subalternas, marginais no sentido jurídico da palavra, ou seja, como bandidos. Desta forma, eram apenas retratados com um olhar de quem está de fora, o olhar do “outro”, que, por muitas vezes, configurava-se em um olhar estereotipado.

Já nas produções literárias periféricas, escritas por autores moradores de periferias, as personagens ganham ascensão, voz. É agregada no texto a voz de quem vivencia tal realidade e não apenas a de quem observa de fora ou apenas ouve falar. As periferias não são mais apenas espaços que representam pobreza, falta, carência. Ela transforma-se também em espaço com sujeitos

interessados em educação e que investem nela, buscam ter acesso aos bens culturais, sobretudo, aquilo que é associado à elite - a literatura.

### Referências

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinheto, Editora Horizonte/ Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 2012.

DURHAM, E. R. **A sociedade vista da periferia**. São Paulo, 1986. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/durham-a-sociedade-vista-da-periferia-pdf-free.html>. Acesso em: 30 de mai. de 2024.

GONZAGA, S. Literatura marginal. In: FERREIRA, João Francisco (org.). **Crítica literária em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre, Editora da Universidade/ UFRGS, 1981.

HOLLANDA, H. B. **Sobre livros, leituras, palavras & afins**. 18 de dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/sobre-livros-leituras-palavras-afins/>. Acesso em: 30 de mai. de 2024.

MOURALIS, B. **As contraliteraturas**. Trad. de António Filipe Rodrigues Marques e João David Pinto Correia. Coimbra: Almedina, 1982.

NASCIMENTO, E. P. **“Literatura marginal”**: os escritores da perifeira entram em cena. São Paulo. 2006.

REYES, A. **Vozes dos Porões**: a literatura periférica/ marginal do Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

YOUNG, I. M. **Representação política, identidade e minorias**. Lua Nova, São Paulo, 67: 139-190, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n67/a06n67>. Acesso em: 30 de mai. de 2024.

VAZ, S. **Literatura, pão e poesia**. São Paulo: Global, 2011.

VAZ, S. **O que é Literatura Periférica?** São Paulo, 5 mai. 2013. Facebook: poetasergio.vaz2. Disponível em: <https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/461452470600842>. Acesso em: 30 de mai. de 2024.

### **Rompiendo silencios y estereotipos: una mirada hacia la literatura periférica brasileña contemporánea**

**Resumen:** Este artículo se propone tejer definiciones, discusiones y problematizaciones sobre la concepción de la literatura periférica, un movimiento literario contemporáneo que rompe con silencios y estereotipos, con el fin de comprender sus intenciones y objetivos, así como investigar cómo este movimiento periférico se consolida e inserta en Literatura brasileña. Esta discusión es de gran relevancia porque la literatura tiene un valor específico que legitima los estudios literarios y el enfrentamiento con las diferentes obras nos enriquece existencialmente, al abrir el campo a las

diversas posibilidades de comprensión, interpretación e interacción con el mundo y el sujeto que la compone. vive en él. Como camino metodológico existe la investigación bibliográfica, ya que se basa en registros disponibles, resultado de investigaciones sobre el tema estudiado y se sustenta en el marco teórico sustentado por Nascimento (2009), Vaz (2011), Dalcastagné (2012), Reyes. (2013), Hollanda (2015), entre otros. Los resultados parciales indican que el fenómeno de las producciones literarias periféricas se está extendiendo por todo Brasil, y es a través de estas producciones literarias y artísticas producidas por escritores periféricos que ya no son vistos como víctimas pasivas frente a la violencia tanto física como simbólica. La periferia produce y consume arte y cultura y la literatura periférica se opone a la visión errónea de que las personas periféricas no leen o son malos lectores.

**Palabras clave:** Representación. Periferia. Contemporáneo. Resistencia.

*Recebido em: 31/05/2024*

*Aprovado em: 10/07/2024*